

Paula e Joaquina, duas mulheres portuguesas, duas histórias de vida

Paula nasceu em Lisboa em 1935, ou seja, um ano antes de Joaquina ter nascido em Vila Nova de Famalicão, numa pequena aldeia minhota. Ao contrário desta que teve uma infância agitada pelas tropelias dos três irmãos mais novos e pelas parcas condições económicas que a obrigavam a passar horas a fio na famosa “bicha do pão”, Paula passou os seus primeiros anos de vida no Estoril, isolada e protegida no seio de uma família abastada, cujo estrato social era “*mortal para as mulheres ricas*” (Rego, Paula in TV Cultura de São Paulo). A sua mãe fazia parte de uma classe em que as mulheres não trabalhavam para viver, antes “*eram encorajadas a não fazer nada*” (ibidem). Por sua vez, a mãe de Joaquina que tinha servido até casar numa casa de gente rica na Foz do Douro tratava da casa, do marido, dos quatro filhos, das galinhas, dos coelhos, do porco e das três leiras do quintal.

Paula confessa que, enquanto menina, tinha medo do escuro, do demónio, de tudo, passando a maior parte do tempo dentro de casa a brincar e a fazer desenhos. “*Desenhar era uma linguagem*” (ibidem). Era uma criança solitária, “*mas com grande espírito criativo, com uma grande dose de liberdade e de compreensão*” (Bessa-Luís, Agustina in JN, 2001). Não é de admirar, pois, que esta menina se sentisse atraída para o espaço familiar destinado à criadagem, na sua maioria, mulheres. Inserindo-se no quotidiano quente e fervilhante dessas criaturas entroncadas, peludas e saudáveis, por oposição às figuras elegantes, graciosas e frágeis, aparentemente mortas, da sua própria classe social, Paula faz delas os seus modelos preferidos. Entretanto, Joaquina, entre as caminhadas para a escola e para a igreja, o corte da erva para os coelhos, a apanha da caruma para a pocilga e a recolha das pinhas para a lareira, não consegue adormecer sem olhar as estrelas do meio do quintal, sonhando com a vida na cidade, com aquelas tais senhoras finas da Foz do Douro de quem a mãe tanto lhe fala, como exemplo de limpeza, elegância e educação. Não por falta de criatividade, de liberdade e de compreensão mas por falta de pincéis e aguarelas para as retratar, Joaquina que imagina as suas roupas e pose depressa aprende a usar a agulha e a tesoura, transformando a roupa usada da mãe em saias e vestidos novos.

Aos 17 anos, Paula parte para Londres e ingressa na Slade School of Art onde contacta com outros intelectuais e novas formas e estilos de arte nas áreas da escultura, desenho, pintura, recorte e colagem, aprendendo a dar largas à sua criatividade através de outras técnicas e noutros materiais. Joaquina que, desde os 14 anos, trabalha na Silma, fábrica de malhas e fibras sintéticas sediada em Famalicão, aprende, por sua vez, a lidar com a chamada “classe trabalhadora” e a confeccionar um tipo de roupas e acessórios mais sofisticados como

pijamas, *lingerie*, *collants* e peúgas, mecanizando o seu corte e costura artesanais.

Regressada a Portugal, Paula continua os seus trabalhos mas não consegue esquecer o estilo de vida inglesa tão oposto ao sistema político fechado e ao meio artístico condicionado pelo regime do Estado Novo. Não esquece, também, Victor Willing “*que conheceu, achou fascinante e por quem se apaixonou quando ainda era aluna da Slade*” (Greer, Germaine in Rosengarten, Ruth, 2004:156). Acaba por casar e instala-se em Portugal onde nascem os três filhos mas, apesar de encorajada pelo marido que reconhece o seu talento, Paula sente grande dificuldade em se concentrar. Entretanto, enamorada do Zé Maria, Joaquina também se casa e vai morar para o Porto, concretizando o seu desejo de sair de Brufe. A partir daí, conhece e reside noutras cidades portuguesas (Vila do Conde, Viseu e Lisboa) cada vez que o marido, polícia, for transferido. Dedicar-se à sua nova família a tempo inteiro, executando todas as tarefas domésticas durante a semana e passeando com os dois filhos ao domingo. A sua queda natural para os labores continua, brindando toda a família com “modelitos” saídos da sua nova máquina de costura e com belos trabalhos de *tricot*, bordados e rendas de bilros que aprendeu a fazer quando morava em Vila do Conde.

Em 1962, com 27 anos, Paula recebe uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e passa a dividir o seu tempo entre Portugal e Londres. Nessa altura, monta o seu próprio *atelier* na capital inglesa e sempre que consegue refugiar-se no interior do estúdio a artista procura canalizar imagens abstractas, infantis, ornamentais e *fetichistas* numa clara aversão pela pintura ao vivo. A multiplicidade de narrativas e episódios associados às técnicas modernas da colagem, recorte e montagem, à parte do desenho e da pintura, constituíram, neste período, a prática de Paula que as transformou num discurso político inovador sobre a figura. Em contrapartida, Joaquina, que enviuvou com 27 anos, abandona o interior do doce lar de Lisboa e regressa a Brufe. Por falta de condições para investir na sua área predilecta parte à procura de um qualquer trabalho que lhe permita sustentar e educar os dois filhos. Depois de um ano de trabalhos precários na vila, inicia mais uma nova etapa de trabalhadora por conta de outrem no refeitório do Banco Nacional Ultramarino, no Porto.

Em 1976, com 41 anos, já com os filhos relativamente auto-suficientes, Paula decide fixar-se em Londres definitivamente pondo cobro a um período de um certo abandono da sua própria centelha pessoal. Depois desses tempos de indefinição em que utiliza, “*inseguramente*”, o acrílico sobre a tela, a artista principia a trabalhar sobre papel, “*com a velocidade e a concentração*

que o meio possibilita” (Greer, Germaine *in idem*:156) e regressa à sua antiga escala de rebeldia. Nesse mesmo ano, Joaquina com os filhos já encaminhados decide, também, dar outro rumo à sua vida e casa pela segunda vez, aos 40 anos de idade.

A partir de 1980, Paula deixa-se de recortes, montagens e colagens e passa a pintar livre e directamente. Ainda nessa década, ocorre outra mudança no seu trabalho, desaparecendo a anterior animação exuberante de vida vegetal e de animais carnavalescos. Apoiando-se na observação empírica, a artista prepara o caminho para o trabalho com modelos vivos e começa a pintar meninas de rostos e corpos mais realistas, mais figurativos. Na fase da doença prolongada do marido que acaba por morrer em 1988, Paula opta por retratar “*coisas da rua, contos tradicionais, coisas mais robustas que têm a ver com comida, com as praças, coisas portuguesas, (...) coisas ligadas à volta da cozinha, à volta dos quartos, coisas do quotidiano*” (Rego, Paula *in idem*:61). Neste contexto, irão surgir os seus quadros de família cuja trama transporta para representações de conhecidas obras literárias e contos infantis. É, também, na década de oitenta, que Joaquina recorre ao imaginário infantil, colocando uma mistura de brinquedos antigos e modernos dentro de uma pequena caixa que mantém num canto da marquise. Sempre que os netos aparecem, correm direitinhos à caixa. Todos os seus seis netos e sobrinhos netos dispõem nas suas casas de brinquedos de última geração, mas aqueles são especiais apesar de simples e escavacados. Sabem que não podem levá-los mas quando fazem birra, Joaquina permite que levem um com a condição de o devolverem na próxima visita. Enquanto os espalham pelo chão, Joaquina brinca, conta histórias e ensina-lhes cantigas.

Actualmente, com 69 anos, Paula continua a trabalhar em arte e a viver do produto desse trabalho que usa como um estandarte contra a violência, a hipocrisia, contra todas as formas de abuso de poder, quer individual ou colectivo, quer privado ou público. Toda a carga emotiva do sentimento da saudade e da herança dramática do seu passado está latente na sua pintura,

Fontes Bibliográficas

FUNDAÇÃO SERRALVES (2004) “Paula Rego” *in Folheto Informativo do Museu Serralves – Museu de Arte Contemporânea*, Porto.

MELISSA, Raimés “Grandes Mestres da Pintura” (Documentário) *in TV Cultura de São Paulo*, São Paulo (www.pitoresco.com.br em 04/11/2004).

evidenciando “*o modo como uma expressão da língua portuguesa pode ser articulada numa imagem*” (Fundação Serralves, 2004). Nos seus trabalhos, admirados e expostos pelo mundo fora, está bem presente a sua condição de mulher portuguesa influenciada mesmo quando à distância pela vida sócio-política passada e presente do seu país. Exactamente porque é portuguesa e, simultaneamente, mulher madura e mãe de família, Paula revela-se uma fantástica contadora de histórias. Por seu turno, Joaquina só depois de reformada dos 30 anos de trabalho remunerado teve oportunidade de se iniciar noutras actividades e concretizar mais alguns dos seus sonhos. Aprendeu a nadar, entrou como figurante em três telenovelas e em dois reclames publicitários, participa com assiduidade na «Praça da Alegria» e nas actividades inerentes ao projecto da Câmara do Porto para a terceira idade «No Porto, a vida é longa» e faz parte do coro da paróquia. Nos seus curtos tempos livres, sempre se dedicou à costura e às malhas para consumo da família, mas alguns dos seus trabalhos de linho e renda já foram utilizados para ajudar nas despesas da casa. Ainda hoje, com 68 anos, as suas colchas, toalhas e bordados são expostos e apreciados nas vendas de Natal da igreja da N. Sra. da Ajuda e noutros eventos relacionados com a terceira idade, nomeadamente no Centro de Dia do Bairro Rainha D. Leonor, onde ajuda na animação dos mais idosos. É uma mulher portuguesa, atormentada pelas perdas precoces e inesperadas do seu primeiro marido de 32 anos, do seu irmão mais novo de 39 anos e do seu filho de 40 anos, e pelas várias crises sócio-económicas que atravessou. Joaquina é respeitada e admirada por todos que a conhecem e, ainda hoje, mantém a caixa dos brinquedos velhos no mesmo sítio e nos conta histórias.

Apesar de viver e trabalhar em Inglaterra há muitos anos, Paula Rego visita Portugal regularmente. A minha mãe que sempre desejou sair da sua aldeia e conhecer a cidade vive na Foz do Douro há 29 anos e vai a Brufe frequentemente.

Porto, Janeiro de 2005

Filomena Silva

REGO, Paula (2004) “Os Quadros e as Causas de Paula Rego” *in Conferência de Imprensa na Abertura da Exposição em Serralves*, Porto (sic.sapo.pt em 04/11/2004).

ROSENGARTEN, Ruth (2004) *Compreender Paula Rego – 25 Perspectivas*, Porto: Fundação de Serralves / Jornal Público.

VITÓRIA, Ana (2001) “Agustina e Paula Rego Fundem-se em Biografia” *in Jornal de Notícias*, de 30 de Março, Porto (www.institutocamoes.pt em 04/11/2004).